

(ex) posições



O que é um objeto de museu sem as narrativas que o cercam? Museu de folclore: a exposição

What is a museum object without the narratives that surround it? Folklore museum: the exhibition

Ms. Mariana Estellita Lins Silva

Como citar:

SILVA, M. O que é um objeto de museu sem as narrativas que o cercam? Museu de folclore: a exposição. *MODOS*. Revista de História da Arte. Campinas, v. 1, n.2, p.170-174, mai. 2017. Disponível em: <<http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/764>>; DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v1i2.764>

Imagem: Detalhe do espaço expositivo do Museu do Folclore Edison Carneiro. Fonte: BISILLIAT, Maureen. *Museu do Folclore Edison Carneiro: sondagem da alma do povo*. São Paulo: Empresa das Artes, 2005, p.109.

O que é um objeto de museu sem as narrativas que o cercam? Museu de folclore: a exposição

What is a museum object without the narratives that surround it? Folklore museum: the exhibition

Ms. Mariana Estellita Lins Silva*

Resumo

Buscamos dialogar com a exposição de longa duração do Museu de Folclore Edison Carneiro, localizado no Rio de Janeiro, que se constitui como uma das vertentes de trabalho do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Através desta escolha, pretendemos refletir sobre as narrativas construídas a partir dos objetos museológicos além de problematizar categorias como 'arte contemporânea' e 'arte popular' que definem não apenas o conjunto de objetos sobre o qual nos referimos, mas principalmente sobre o nosso lugar de produção discursiva.

Palavras-chave

Objeto museológico, narrativa, discurso museográfico.

Abstract

We sought to dialogue with a long-term exhibition of the Folklore Museum Edison Carneiro, located in Rio de Janeiro, which is one of the working strands of the Folklore and Popular Culture National Center. Through this choice, we intend to reflect about how to construct narratives from museological objects and to problematize categories such as "contemporary art" and "folk art" that define not only the set of objects about which we refer, mostly about our discursive production.

Keywords

Museum object, narrative, museographic discourse.

Talvez a parte mais importante desta resenha seja aquilo que lhe antecede: a motivação que nos leva a falar sobre algo. *Museu de Folclore: A Exposição* problematiza a questão da construção do discurso, dos lugares de fala que reafirmamos, às vezes através do simples uso das palavras. Alguns incômodos nos levaram a essa escolha: a diferenciação entre 'arte popular' e 'arte contemporânea' é um deles. Diretamente relacionada, está a terminologia 'folclore'. Se o museu, por definição, "(...) expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio (...)" (ICOM, 2007) todos os museus não são representações culturais de um determinado povo, e nesse sentido, não são necessariamente Museus de Folclore? As palavras que usamos – de modo análogo aos objetos dispostos em uma exposição – apontam para nós mesmos e para as escolhas que fazemos. Por isso optamos por uma meta-exposição, que produz narrativa sobre a produção de narrativa, questionando o papel do museu que justapõe objetos selecionados, e brinca com as possibilidades de modificação de seus sentidos.

A curadoria optou por uma divisão em eixos temáticos. A sala inicial traz representações sobre a chegada do homem ao espaço. O primeiro objeto, exposto em uma cenografia arrojada, é um fragmento lançado a partir de um disco voador em 1957. Fato curioso – principalmente em uma exposição que se propõe a problematizar os objetos museológicos como produtores de discursos – é que este pequeno pedaço de pedra, supostamente lançado por um ser extraterrestre, possui um número escrito em sua superfície. Seria essa inscrição uma espécie de bilhete alienígena ou o número de catalogação do objeto no acervo?

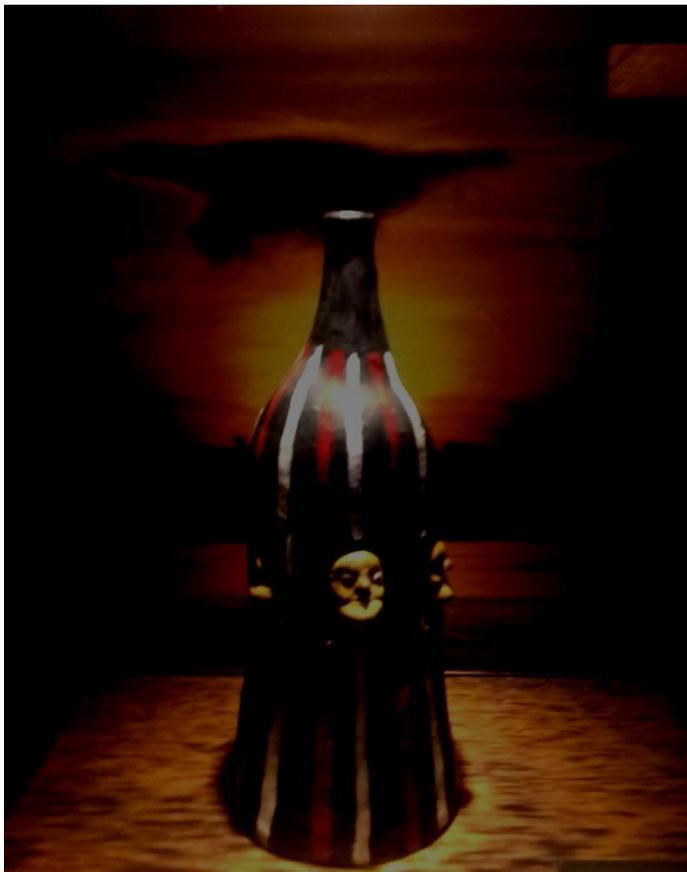


Fig.1. Maria Josefa da Conceição, Nave Espacial Apollo, escultura em cerâmica, década de 1970, Alto da Moura, Caruaru, PE; fonte: fotografia da autora.

Ao lado, a escultura Nave Apollo (fig.1), em cerâmica, de Maria Josefa da Conceição, me chama particularmente a atenção pela complexidade de sua concepção estética. A obra traz uma construção imaginária do que seria uma nave espacial, sem estabelecer, no entanto, qualquer relação com a imagem do objeto real. Em outras palavras, a escultura sintetiza a ideia de “um recipiente que carrega pessoas ao espaço” e ao mesmo tempo não se propõe a fazer referência aos aspectos visuais ou estruturais de uma espaçonave. Seu formato guarda semelhança com uma garrafa de coca-cola, o que me faz pensar sobre as possibilidades de relação entre a bebida e o veículo, conseqüentemente sobre o meu próprio processo de produção de sentido e o quanto essas concatenações são individuais e subjetivas.

Se o primeiro ciclo expositivo remetia ao espaço, chegamos em seguida ao núcleo da água, cuja cenografia nos submerge em um ambiente definido pelo som. O elemento aquoso traz consigo botos, sereias e carrancas – esculturas em cerâmica e madeira que remetem a narrativas muito difundidas e significativas nos contextos em que são produzidas. Fortalecendo esse tipo de leitura, há um vídeo em que pessoas contam histórias onde o boto por exemplo, é um elemento fundamental. A museografia parece querer evidenciar que cada um daqueles objetos remete a construções culturais tão complexas que, enquanto esculturas em uma exposição, passam a ser apenas uma materialidade indiciária.

Passados os ciclos destinados ao espaço e à água, chegamos à sala que faz referência ao solo, à terra. Interessante observar neste ponto que o texto é equiparado objeto. Em uma das paredes vimos:

O pessoal pede pra eu pegar e mostrar. Eu coloco os sacis em garrafas, mas eles são invisíveis e só aparecem dentro de sete dias, sete semanas ou sete meses. No entanto, as pessoas não tem paciência de esperar e abrem o frasco antes do tempo. Assim, os sacis fogem. Edson Wagner, empresário e criador de saci.¹

Do modo como estão inseridas na museografia, esta e outras frases assumem papel condutor da seqüência expositiva. O lugar do texto como fornecedor de informações contextuais sobre o acervo é desconstruído, possibilitando uma conjugação horizontal de linguagens. Evidenciar a relação entre texto e objeto, pode ser visto como uma estratégia de continuidade da exposição, para nos integrar na estética do cordel, que será o protagonista da próxima sala.

O cordel é o livro, a música, a gravura, o corpo do repentista, o instrumento musical, o improviso, além da linguagem escrita e falada. É uma produção artística que não se circunscreve, portanto, em um meio específico, trazendo para a instituição museológica a necessidade de reinvenção dos seus mecanismos tradicionais de exposição. Como representar uma poética que além de características efêmeras, se constitui como um conjunto de práticas manifestas em diversos suportes? Este foi o desafio deste núcleo da exposição que se localiza na primeira sala do segundo andar. A opção foi pela junção do objeto *livro-de-cordel*, instrumentos musicais, ampliações de gravuras e uma instalação museográfica de um grande mandacaru de acrílico cujas flores são versos impressos em papel, que demandam a ação do público em retirá-las para lê-las.

O fio condutor da exposição, que vinha sendo sutilmente revelado, se torna mais nítido nesta sala: o objeto museológico como propiciador de narrativas. Este processo acontece não apenas através das camadas simbólicas pertinentes a todos os artefatos materiais, mas principalmente daquelas que a inserção em uma coleção é capaz de produzir. É como se, através da museografia, o Museu buscasse revelar suas próprias entranhas. Exemplificando: há uma escultura que é colocada como “o primeiro objeto catalogado do museu” o que logo em seguida é problematizado no texto:

A peça cadastrada com o número 01 não foi a primeira que chegou ao acervo. Diversos objetos já haviam sido coletados, ou doados, antes mesmo que este Museu de Folclore, tão acalentado, fosse efetivamente criado em 1968. Por algum acaso lhe coube o número 1.²

A evidenciação de um objeto que “por algum motivo lhe coube o número 01” expõe as arbitrariedades presentes nas etapas de musealização. Essa questão abre margem para que se discuta a parcialidade das escolhas institucionais, a aleatoriedade de determinados procedimentos e a subjetividade que permeia as tomadas de decisão. Esses processos não são pragmáticos nem sistemáticos, como um olhar desavisado poderia acreditar.

Na última sala, a estética de 'gabinete de curiosidades' enfatiza o caráter colecionista da instituição museológica. Em estantes tradicionais de madeira, muitas obras de contextos distintos estão dispostas lado a lado, compondo uma espécie de mosaico. É quase possível ouvir o grito de ordem: “objetos, contaminem-se uns aos outros!”

Referências

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013;

disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf; acesso em março de 2017.

Notas

* Doutoranda em História e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ. Pesquisa financiada pela CAPES. E-mail: estellitamariana@gmail.com

¹ Texto fixado no espaço expositivo do Museu de Folclore Edison Carneiro, localizado no Rio de Janeiro; acesso em fevereiro, 2017.

² *Idem*.

Artigo recebido em março de 2017. Aprovado em abril de 2017.